

1
ESCUDO

reporter.

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

10 de Janeiro de 1931

Numero 23



LER NESTE NUMERO: Uma manobra de espionagem alemã em Aveiro — Um escândalo na embaixada soviética em Londres, etc., etc..

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1853)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6611.963\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escaudada o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(Edifício Progresso)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a. Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(Edifício Progresso)

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

MODICIDADE DE PREÇOS
Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.ª pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUYKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar manchas
Preço 1\$00

À venda em todas as drogeries

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

LISBOA - Rua Augusta, 235

TELEFONES: 21351 e 21352

Delegação no PORTO

Praça Almeida Garrett, 35

Agencia em COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 100, 1.º

Nova instalação, feita pela casa «FICHET», de Paris, de cofres de alu-guer, nas magnificas casas fortes na :- sede da Companhia, em Lisboa :-



JULIO GORGAL

RÉCLAMES
CARTAZES

Publicidade no
«REPORTER X»

e todos os jor-nais nacionais e estrangeiros

"REPORTER X"

Compram-se os números 1,
5, 6 e 7 dêste semanário
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do REPORTER X, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGALGrandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeirosSai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRAChefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade única de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3. 3. — TELEFONE 26442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 29121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—	Esc. 11\$50
6	• • • • • 25 •	Esc. 22\$50
12	• • • • • 52 •	Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiros acrescentar os respectivos portes
Pagamento adiantado

Homens & Factos do Dia

cosas infiltraram em suas almas? Temos assistido ao desmanchar ruinoso de muitos cenários de ilusões devido à acção corruptora do elogio. Jornalistas que, recebidos com exageradas manifestações de regosijo aos primeiros artigos empolados e vistosos que escrevem, tombam ridiculamente quando as sérias dificuldades desta difícil profissão se lhes atravessam no caminho glorioso; comediógrafos de café, cujos ensaios a tuba sonora da fama leva aos quatro ventos, são derubados sem piedade ao primeiro contacto duro com a multidão; romancistas que, mercê de amizades condescendentes nas redacções, se estrelam como génios, desaparecem dos escaparates dos livrinhos como falhados. Tudo porque em Portugal se elogiam inconscientemente, irresponsavelmente, o bom e mau, amimando, por amizades subreptícias de redacção, por negócios mal disfarçados de administração, a poetisa Z, porque é amante de F.; o jovem novelista H, porque é filho do banqueiro Y; o dramaturgo L, porque... porque, enfim, é preciso ajudar o rapaz, que diabo!...

Os que possuem valor incontestado e não enviam, redigidas por seu próprio punho, as notícias laudatórias aos jornais; os que, demasiado modestos, se desinteressam da publicidade que o seu nome merece; ou os que se atrevem a desprezar as conveniências alheias, os

interesses criados, dizendo a verdade, através do seu jornalismo, da sua arte e, até, das suas descobertas científicas, esses ou sofrem a campanha traiçoeira do silêncio ou da ruidosa calânia.

Ora nós temos doze anos de jornalismo, um jornalismo activo, febril, que logo de início saltou fóra do lugar comum do realizou-se ontem com toda a pompa, o genial escritor, o ilustre ministro, o eminente académico. Esses lugares comuns com que nos bastidores do jornal se obtêm os bons lugares... comuns da política, as condecorações fáceis, e o apódo sem valor, por demasiado banal, de grande jornalista e escritor, durante os doze anos de profissional de imprensa, nunca os empregámos. Traçámos uma linha de conduta nossa, que, não sendo isenta de defeitos porque é humana, não deixa contudo de ser sincera. E como essa linha de conduta é firme e não transige com os aduladores incorrigíveis, que são também os detractores exaltados, sucede que, sem o desejarmos, somos umas vezes atingidos por verdadeiras ondas de adjectivos engrinaldados de elogios excessivos, vexatórios pelo exagero, outras por tempestades de impropérios vomitados naquela mesma imprensa para quem já fomos o jornalista impoluto, o caracter recto e o talento brilhante.

(Conclui na pag. 15)

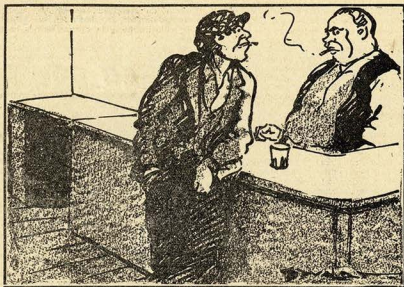
O respeito pelas
conveniências

AS pessoas demasiado sensíveis ao elogio ou à censura não deviam fazer jornalismo — principalmente aquele jornalismo que não se pauta pelos interesses ou conveniências alheias, aquele jornalismo independente, activo, de opinião livre e sincera, que vai sendo cada vez mais raro em Portugal.

Se é demasiado sensível ao elogio arrisca-se a formar sobre a sua própria individualidade um conceito errado, por excessivamente lisonjeiro. E a noção falsa do seu próprio valor corrompe os homens, porque lhes dá a ilusão de uma força que não possuem, de um prestígio que está tão distante da verdade como os castelos dourados de sonho o estão da realidade agreste. E a quantos ridículos, a quantas derrocadas os homens são por vezes levados, por culpa do falso valor que elogios descomedidos, loucaminhas rasteiras e adulações vis-



OS ABAFOS

Por Stuart
Carvalhois

— Muito abafado bebe você!
— Que quer, os ricos abafam-se por fôrça; nós, os pobres, abafamo-nos por destro--

TALKIES DE VIAGEM

O caso misterioso da Avenida Mozart

Folhas soltas de um "block-notes" — Paris-tentação — Paris—"film" — Há doze anos — A minha aventura — Os teatros — "Folies Bergères" — Os estudantes pobres — A parada das ilusões



Georges Gauchet no campo, nos seus tempos de rapaz elegante

PARIS, 10. — E' a décima oitava — ou a vigésima vez, sei lá bem — que gozo esta inigualável emoção de emergir dos túneis subterrâneos, fumarentos, sombrios, do Quai d'Orsay — e defrontar-me, a pupila sofrega, com o postal luminoso de Paris. E' uma emoção única, paradoxal e simultaneamente impetuosa, como um salto másculo, viril, sobre o corpo da mulher apeteçada e conquistada, e suave, como a acalmia dos sentidos, depois dessa mesma posse violenta...
E' esta a décima oitava ou a vigésima vez... Mas com que nostalgia recordo o delírio do primeiro desembarque em Paris. Foi há doze anos. Tinha vinte... A mala das ilusões vinha a estalar... Na carteira restava, após os gastos de viagem, uma nota de vinte francos... Mas que coragem, que fé, que confiança em mim próprio. Paris! Ia para Paris — conquistara o Paris tantas vezes sonhado; o Paris-postal ilustrado, film de cinema, peça de teatro, romance empolgante das primeiras leituras... Subito, no corredor da carruagem, alguém disse, em voz alta: «Estamos chegados a Paris». Mal pronunciara a frase — o comboio frenara, arfando e gemendo travões. Não quis saber de mais nada. Saltei para terra, afogado com as malas, e desprezando os porteurs, não fôsem os meus únicos vinte francos derreter-se nas suas mãos, como um sorvete ao sol... O *controlleur* da estação olhou-me com surpresa... E' que eu aparei-me em Asnières — nas pressas de ver Paris — e de Asnières à Capital da Luz são uns bons quilómetros... E o comboio partirá de novo — era um risco negro emplumado de branco, a

minguar no horizonte. Durante duas, três horas, afogado com as malas e suando como um carregador, caminhei, ao longo da estrada que conduzia a Paris. Mas que me importava a mim — se era a Paris que ela me conduzia!
Dezoito, vinte vezes voltei a entrar em Paris e algumas desembarcando do *Sud-Express* e trazendo na carteira quantias bastante superiores àquela nota de vinte francos. E contudo recordo sempre, com infinita saudade, essa primeira viagem; a longa caminhada de Asnières a Paris; as horas de amargurada incerteza e de luta nervosa que se lhe seguiram... E' que nunca mais, — nunca mais! — alcance eu os triunfos que alcançar, enriqueça como Rothschild ou desembarque dum aeroplano de luxo, tornarei a sentir a emoção daquele dia; a coragem, a fé, a confiança em mim mesmo e no futuro que me ardiam na alma e a enchiam de ilusões nessa manhã doirada de 1918 em que eu, caminhando ao longo de uma estrada, carregado de malas e com vinte francos no bolso, avançava para Paris na certeza de a conquistar...

O ANEL, UM JOALHEIRO E UM JOVEM SUSPEITO

PARIS, 11. — Deambulando ao acaso pelas ruas de Paris — como um filho pródigo revistando os recantos do lar de que há muito se ausentou, porque em cada esconso encontra a magia de uma recordação ou de uma saudade; gozando êsse espectáculo especial e admirável de todas as grandes cidades que é o estendal das vitrines — music-hall variado de sonhos de conforto e de felicidade, museu de novidades e de minúsculas obras de arte ao alcance... do olhar, pelo menos; ginásio espiritual de todas as ambições — porque frente a cada montra, por muito débil que seja o orçamento do espectador, se adquire, sonhando, camisas de seda, de colorido futurista, gabardines de feito inédito, joias, canetas, sapatos, bugigangas, livros, «mappes» fofíssimos e até objectos que não nos fazem a menor falta — deambulando ao acaso, dizia eu, fui ter à Avenida Mozart. Recordei que num hotel da esquina estivera, em 1925, e nêle heroicou uma das mais estranhas aventuras do meu jornalismo — inédito ainda, para o público e para os amigos — e que só uma camarada muito querida, Virginia Quaresma, minha companheira de viagem de então, se apercebeu... E havia uma montra — a montra de um joalheiro. Não uso joias. Não penso usá-las nunca como não pensei nunca comprar uma bicicleta ou um flautim. Mas nessa montra havia um anel como nunca vi outro. Era o céu de Nápoles, em noite de serenata, pintado numa orgia de tintas e constelado, numa síntese miniatural, de paciência beneditina, num círculo microscópico. Eram todas as estrelas do céu... Entrei — para saber o preço... Não me dirão os senhores para que queria eu saber o preço daquele anel? Nem com as economias de dez anos de trabalho amealhara o suficiente para comprá-lo... Mas mesmo que um milagre enchesse de subito os meus bolsos — esbanjaria a inesperada fortuna em todos os disparates, menos naquela joia...

Não havia raciocínio, calculo, lógica — naquele meu gesto. Era o destino que me levava, como um gigante ergue nos seus braços um pigmeu adormecido...

Atendeu-me um sujeito dos seus cinquenta anos

— muito francês, muito *je vous en prie*... muito profissional da venda. Vestia burguesmente e respirava a mais burguesa das saúdes e das venturas. No rápido minuto em que dialogávamos fantasias sem querer a existência íntima daquele homem:



Clémentine Philippe.

A amante de Georges Gauchet

trabalhador, económico, metódico, fechando a loja todas as noites à mesma hora; sentando-se à mesa de jantar sem o atraso dum minuto; beijando a esposa e os filhos na mesma face sempre; calçando pantufas, lendo o *Intransigeant*, indo ao cinema aos sábados, jantando na *Campagne* ao domingo e visitando a sogra às segundas.

— Oito mil francos... *Mais c'est une merveille, Monsieur. Il vaut bien douze milles et...*

Cortel com um sorridente agradecimento a lenga-lenga do elogio ao anel e saí... E saindo sorria de mim próprio... E sorrindo reparei num jovem dos seus vinte e cinco ou vinte e sete anos, baixo, magro, mas bem musculado, tipo de rapaz de sport, adandisado sem ridículos, elegante sem pretensões, cuidadoso, insinuante, que, roendo nervosamente as unhas, se esperara frente à montra.

O que me chamou a atenção sobre êsse moço não foi nenhum dos detalhes que acabo de registar... Fôram os seus olhos, que se agitavam nas órbitas numa expressão alucinada, fingindo fixarem-se nas joias em exhibição — para espreitarem melhor, através dos vidros, o interior da loja e os movimentos do lojista. Anotecera. Sobre a rua descerrou-se a tarlatana de uma neblina salpicada de agulhas de prata... Os vultos esfumavam-se, espiritualizavam-se, envolviam-se em crêpes... Atraído por uma inexplicável curiosidade — quis continuar a vigiar aquele moço inquieto, sem o alarmar. Fui até à borda do passeio... Êle continuava na mesma atitude — esboçando por duas vezes uma fuga por julgar talvez ter sido descoberto pelo joalheiro... Entretanto, dentro de mim, numa evolução serena e rápida, nascera a profecia da tragédia que se dilatava angustiosamente naquela alma. Que espécie de tragédia? Não podia dizê-lo. Não chegava a tanto o meu dom de mago. Mas se me perguntassem — diria plebeamente: «Êle não está ali por bom...» E ao mesmo tempo sentia-me atormentado por uma estranha compaixão, por uma tristeza abstracta que me dava vontade de intervir, de consolar, de aconselhar, salvando da fatalidade

des está à minha espera, para jantar, no «Adelphi Hotel» e retiro-me passando junto do moço... Fixo um detalhe: êle estava consultando o relógio e levava-o ao ouvido para se certificar do seu anda-

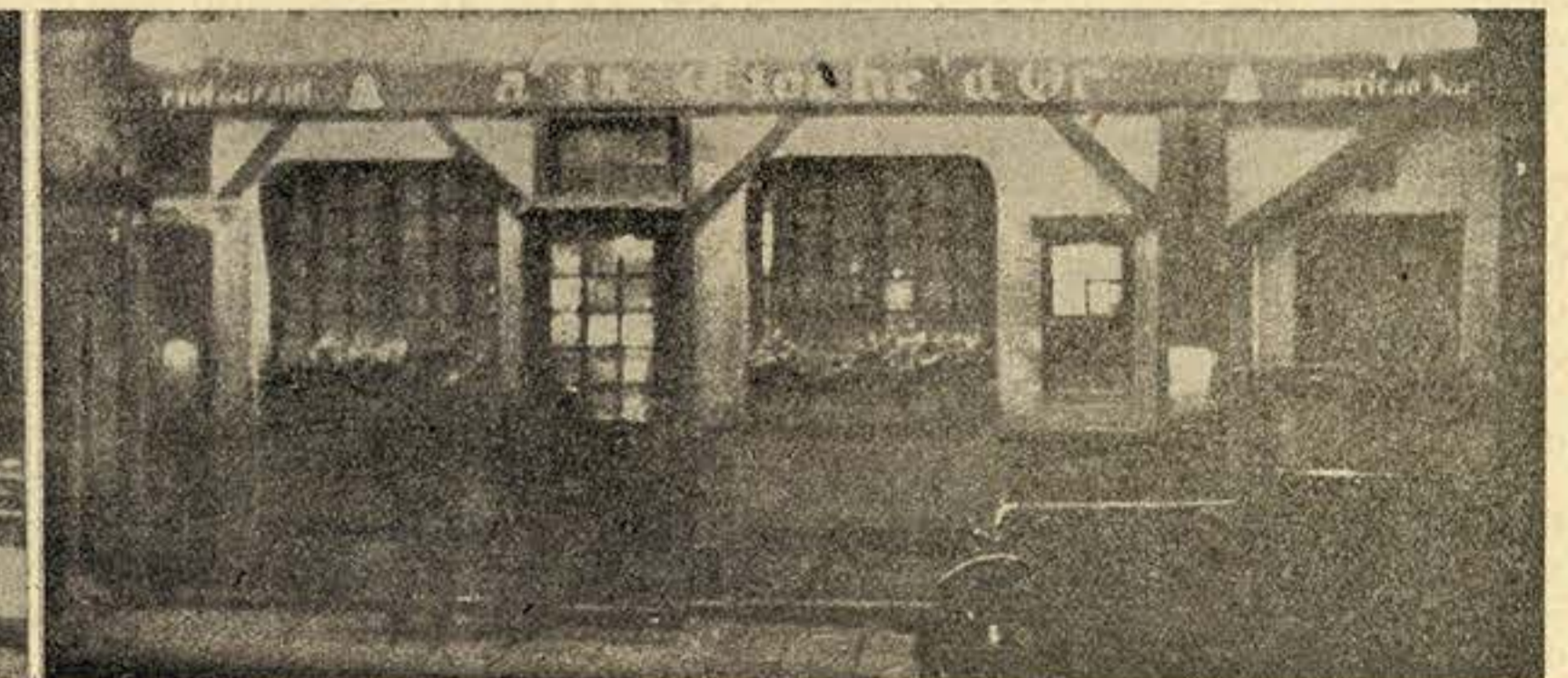


Georges Gauchet

mento. Os nossos olhares encontram-se... Dir-se-ia que bastava um gesto meu para êle vir ao meu encontro, desabafar a sua tragédia, pedir protecção para que o arranquem do pesadello patológico em



O hotel onde habitavam Gauchet e a amante



A «Cloche d'Or», onde Gauchet ceava e onde foi preso

uma vida. Mas de quem era essa vida? Não o sabia explicar...

O jovem pela terceira vez esboça uma fuga — mas agora completou-a afastando-se... O joalheiro veio à porta realizar a manobra do encerramento. Desperto, insulto-me, lembro-me que Adelino Men-

que se está debatendo. Passa um «taxi»... Subo para êle...

E não me dirão os senhores com que fito escrevi este *talkie* sem interesse e sem objectivo — e que na melhor das hipóteses só tem duas realidades: a de um moço estar olhando para uma montra e a

de eu, por excesso de profissionalismo, ter julgado radiografar o que aliás se passava apenas na minha fantasia? Para quê? Para que entrei eu a perguntar o preço daquele anel? Para quê...

P. S. — LONDRES, 20. — Acabo de ler no *Evening News* o seguinte telegrama datado de Paris: «A esposa do joalheiro Dennenhorfer, da Avenue Mozart, 128, surpreendida pela demora do marido, sempre pontual á hora das refeições, dirigiu-se ao seu estabelecimento, encontrando-o de luzes apagadas e portas mal fechadas. Acompanhada pela porteira entrou na joalheria, dando com o cadaver do espôso num lago de sangue. Trata-se de um crime — tendo por objectivo o roubo. Desapareceram joias num valor superior a 150.000 francos. O assassino, que feriu a vítima com um objecto de ferro, — martelo ou chave inglesa — travou violenta luta, antes de a abater definitivamente, visto que o sangue aparece a grande distância do local onde o cadaver foi encontrado. O crâneo do infeliz joalheiro está totalmente esmagado. A policia não encontrou o menor vestígio que a possa orientar. No posto antropométrico não existe ficha que coincida com os sinais digitais do criminoso. Significa isto que o criminoso não tem cadastro, nunca foi preso, o que torna mais difícil a sua descoberta. O crime produziu grande impressão no público.»
Não faço comentários.

OH! LES SALES ÉTRANGERS!

PARIS, 12. — São oito horas da noite. Paris está sonolento, despovoado como se fosse Agosto. Os cafés ás mósca. Que se passa em Paris?

— Estamos sem estrangeiros! — esclarece-me o gerente do hotel...

Não lamento essa ausência. Pelo contrário. Há doze anos que os parisienses, atacados de uma xenofobia mais digna de um povo selvagem do oriente do que dos habitantes da capital do mundo, berravam na cara de todos nós, seus hospedes, que estavam fartos de estrangeiros! «Oh! les sales étrangers! Quando será que nós estaremos à nossa vontade em nossa terra! Para qualquer lado que nos voltemos só deparamos com espanhóis, com americanos, com chineses, com turcos! Queremos jantar num *restaurant* e não há lugar: as mesas foram assaltadas por êles! Queremos uma casa — não há: estão todas nas mãos dêles! São êles, com os seus *dollars*, com as suas libras, com as suas pesetas, que tornam a vida cara. E depois são má gente. Oitenta por cento dos crimes e dos roubos de Paris são praticados pelos estrangeiros!»

Clement Vautel, esquecendo-se de que é belga, chegou a escrever no «Mon Film» de «Le Journal»: «Bem sei que vocês ingleses, americanos, italianos portugueses, se bateram em França e pela França»

Mas a guerra já acabou há muito — e agora faziam-nos um grande favor regressando aos seus países.

A crise económica mundial veio castigar os pa-

(Conclui na pag. 12)



O Vasconcelos não está às grades da prisão, como se dizem; está «posando» à janela de um restaurant, mais a sua sevilhana, para a objectiva do Penedo

OS *dessous*, os subterrâneos, os alçapões, ou como lhes queiram chamar, do mundo de negócios fornecem assunto de sobejo para fazer romances mais longos, mais prenhes de aventuras trágicas ou cómicas do que o célebre *Rocamboles* de Ponson du Terrail. A realidade, nesses antros, excede tudo quanto a fantasia humana possa construir de ignominioso, de triste, de repugnante. O romancista que quiser assunto para a sua arte nada mais tem a fazer do que penetrar nesses meios tão tenebrosos, a despeito da sua aparência dourada, como Whitechapel, o célebre bairro londrino onde a miséria e o crime se acoitam. E uma vez lá dentro, apenas sentirá embaraço na escolha, dada a abundância de tipos réles, de cenas ignominiosas, de complicados entrecos de romances da vida real, onde a personagem principal é o dinheiro, e as secundárias, as que compõem e harmonizam os quadros, são o vício, a luxúria, a ambição e o crime.

Nós, porém, não queremos fazer romance com o muito que sabemos do alto comércio, da grande indústria e da alta finança. Somos jornalistas e, para cumprirmos à risca a nossa missão, temos que ter mão na fantasia, que aliás não suplanta com vantagem a realidade nua e crua.

Imprimindo às nossas reportagens um sentido moralizador, que o país de Norte a Sul aplaude a mãos ambas, socorremos honestamente da verdade, que reproduzimos ante o olhar assombrado do público que julga, condena e absolve. O nosso dever é arrancar das trevas densas que os ocultam os factos e as pessoas que influem em certos acontecimentos que o povo crédulo não sabe explicar por lhe desconhecer as origens tenebrosas e secretas.

De entre os acontecimentos que mais

Vigaristas de alto coturno

O Whitechapel dos negócios — A sombra e o anonimato protegem os bandidos encasacados — A situação de Correia Leite — Os bons tempos — Um dedo do marquês — Miguel de Vasconcelos da Finança — Para Sevilha, em avião — As espanholas endiabradas

devem ter intrigado os espectadores ingenuos, avultam as falências de certas grandes casas comerciais e bancárias. Casas sólidas, de boa reputação, de crédito aparentemente inabalável, sossobram de súbito, como se um alçapão de mágica as engulisse. Quais são as origens dessas derrocadas, que tanto mal têm trazido ao crédito do país, reflectindo-se desastrosamente na vida do povo? Nem sempre esses desastres são de culpa exclusiva de banqueiros poucos escrupulosos, nem sempre os dirigentes das casas bancárias se recrutam entre a farandolagem ignóbil de sclerados. A's vezes, os falidos que toda a gente aponta como facinoras são vítimas de uma rede de ignominia estabelecida por um bando de *escrocs* que urge desmascarar para bem da sociedade e higiene do meio comercial e financeiro.

Trazer da sombra onde traiçoeiramente se ocultam até à luz clara do sol e da verdade esses *escrocs*, esses parasitas que, por caminhos envidados entre as malhas apertadas da lei e da moral, conseguem praticar impunemente crimes de burla repugnantes, arruinando os outros enquanto eles passam vida regalada, gozando de uma consideração social imerecida, é prestar à colectividade portuguesa um revelante serviço. E por assim o entendermos, mais uma vez vamos pôr a nossa pena ao serviço da Verdade e da Justiça, se os leitores tiverem tempo e paciência para nos acompanharem, pois o caminho é longo, áspero e arriscado.

TENS DINHEIRO, ÉS TUDO.
NÃO TENS DINHEIRO...

Os leitores conheciam, de ouvir falar, pelo menos, a casa bancária Correia Leite Santos & C.^a. Esta casa, uma das que melhor reputação gozavam no nosso meio comercial e financeiro, faliu há tempos e, o que é raro nestas circunstâncias, o seu sócio principal, a-pesar-de ter demonstrado na derrocada a melhor vontade em honrar o seu nome, recolheu à cadeia, onde aguarda de consciência firme (o que é raro também) o apuramento da verdade.

Correia Leite, que não conhecemos de vista sequer, que nunca nos prestou o menor favôr e a quem não prestamos outra homenagem senão a que enquadra nas dimensões estricatas da verdade, pessoa que não está em condições de nos pagar

ou subornar, é, em nossa opinião, um homem honrado infeliz nos seus negócios — nada mais.

Se escrevessemos isto a respeito de uma pessoa colocada em alta e sólida posição social poderiam os que nos lêem supôr que o fazíamos na mira vêsga e



O Vasconcelos (X) atravessa a Praça de Espanha, em Sevilha, após um almoço bem regado...

rasteira da gorgeta. Correia Leite, infelizmente para ele, e felizmente para nós, não é um poderoso, não é um homem rico, não deve já (porque caiu e a sociedade não perdôa aos infelizes) possuir amigos desinteressados... Os que o adulavam noutros tempos — nos tempos em que nós não precisaríamos talvez de escrever este arrazoado — voltaram-lhe as costas e muitos deles terão contribuído, com certeza, com a sua cota parte de calunia e traição para melhor o aniquilarem.

Ah! Bons tempos eram esses em que o Joaquim Alves de Vasconcelos Ferreira lhe entrava pelo estabelecimento, e lhe batia nas costas a mão anafada e gôrda! Bons tempos esses!

Bons tempos esses em que o Zé de Oliveira, o Marquês de Sagres, melifluo e delicado o tratava por amigo e lhe propunha negócios de arromba!

Bons tempos em que todos os pelintras encasacados, com o seu ar superior de grandes águias dos bons *affaires*, lhe chamavam amigo, o grande amigo Correia Leite que financiava as iniciativas honradas que eles lhe propunham! Agora, esquecido na cadeia, aguardando que os tribunais o julguem por actos que, em grande parte, não praticou, mas de que assumiu, por hombridade que aos outros faltava, inteira responsabilidade, Correia Leite já não é o grande amigo, já não é

o grande homem, porque já não possui o dinheiro — o diabólico dinheiro que compra honrarias, prestígio e até talento.

Não, o Vasconcelos Ferreira já não se lembra daquele seu grande amigo Correia Leite que burlou, de gôrda com outros, em quantias que sobem a cêrca de mil e duzentos contos. O Joaquim Vasconcelos Ferreira já não se lembra do seu grande amigo. Muito dinheiro comeu então ao falido de agora o Joaquim Vasconcelos. E não havia de falir aquela casa bancária! E não hão-de falir todas as casas bancárias que tiverem como clientes tipos como o Vasconcelos Ferreira!

Tinha este um sócio, também uma águia para os negócios, um tal Artur Penedo Costa. As duas águias pairaram, como aves de rapina que eram, sobre aquela casa bancária, espiando a pêsca, procurando apanhá-la desprevenida.

Um dia o Joaquim Alves Vasconcelos Ferreira, o seu irmão Carlos e o Artur Penedo Costa resolveram pôr em prática um bem estudado plano. Não podia falhar. O Correia Leite era pessoa de boa fé e tinha-os na conta de homens honrados. Propuseram à aludida casa bancária um bom, um deslumbrante negócio de cereais (a muita ignominia se têm prestado em Portugal os negócios de cereais!). Foi o primeiro e grande golpe que permitiu aos honrados negociantes o levantamento de grandes quantias e ainda forçou a firma Correia Leite Santos & C.^a a pagar mais tarde a importância de cem contos ao sr. João de Assunção Coimbra, a quem os maganões ficaram a dever.

Mas desses negócios de cereais o mais engenhoso e picaresco é, sem a menor sombra de dúvidas, o da venda de trigo à Manutenção Militar.

A Manutenção julgava tratar com gente honrada, que lhe propunha a venda banal de determinada quantidade de trigo. Mas o Joaquim Vasconcelos queria 250 contos de sinal. A Manutenção, correcta nas suas transacções, entregou-os como era da praxe, mas por meio de letra aceite de Joaquim Vasconcelos Ferreira, com o aval da casa Correia Leite Santos & C.^a.

O prazo da letra foi decorrendo. E se Correia Leite, vagamente receoso de um desastre, lembrava ao Vasconcelos que não deixasse de a pagar no vencimento, a águia, cheia de convicção, sossegava-o:

— Homem, esteja descansado... Não há novidade...

E não houve, como adiante se verá. Houve uma viagem em avião do Penedo e do Vasconcelos até Sevilha. Aquilo é que foi pandega, caramba! Mais de duzentos contos na carteira — e as espanholas são tão *salerosas*, tão provocantes... O pior é que se fazem pagar caro... e em pesetas.

Aquela endemoninhada sevilhana que os senhores aí vêm, de cabelos negros, compridos, olhos provocantes, despóticos, comia como um lobo e bebia como uma esponja. O diabo era a mulher!

A Espanha é sedutora e o dinheiro, lá, derrete-se como gelo ao calor. Por isso depois da pandega não restava, não podia restar um centavo livre para pagar a letra de duzentos contos à firma Correia Leite Santos & C.^a.

No entanto, aquela casa bancaria esperava confiante que o Vasconcelos honrasse o seu compromisso na devida data. E só à ultima hora, no último dia de prazo, é que o Vasconcelos propôs que se reformasse a letra por inteiro. Entrou, nesta altura, nem podia deixar de ser, um certo marquês, que ultimou as formalidades da reforma. E na precipitação — Correia Leite Santos & C.^a era intrujado habilidosamente, porque o novo aceite não apareceu, como o anterior, assinado pelo Joaquim Vasconcelos mas pela firma Vasconcelos & Costa, em liquidação ju-

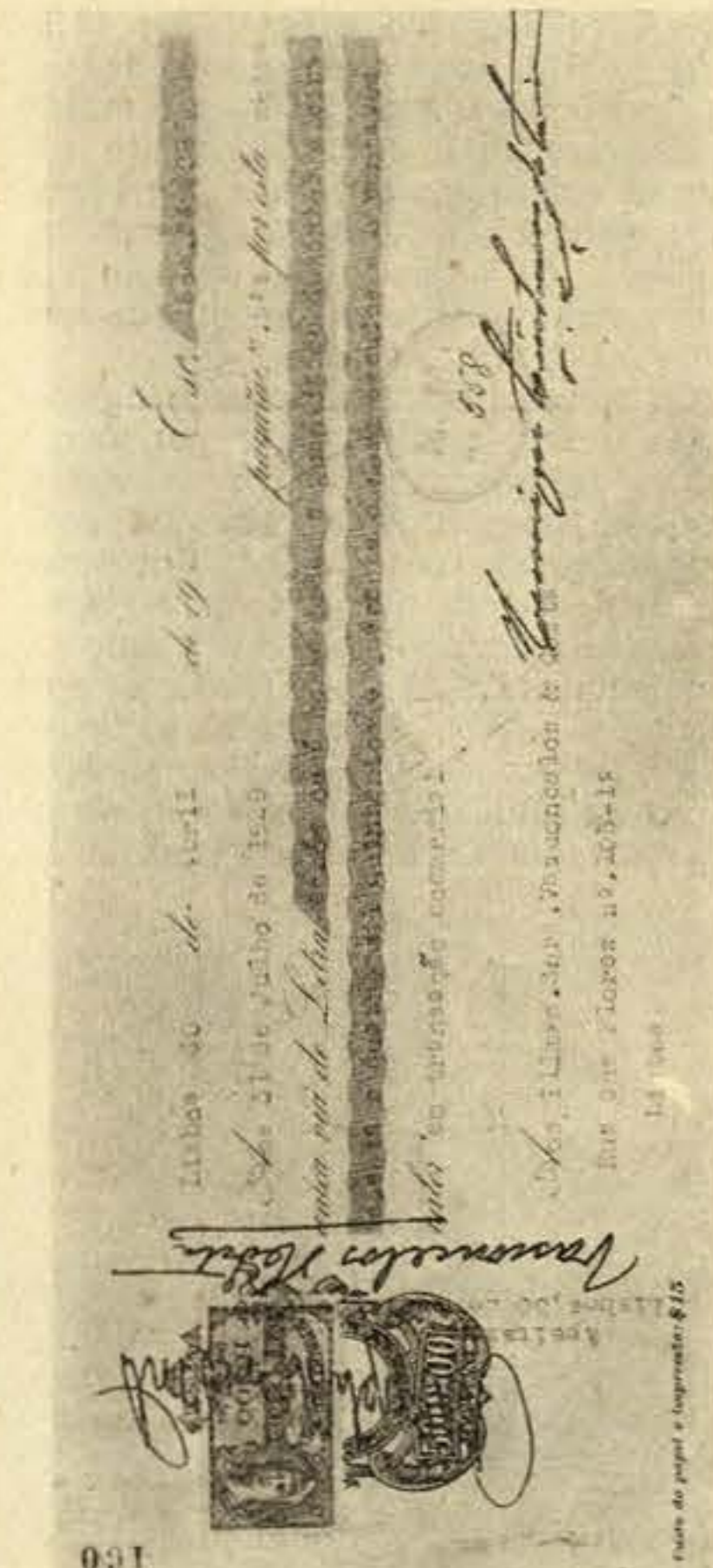


Esta sevilhana era de grande alimento. Como vêm, prepara-se mais uma vez para comer

dicial, não oferecendo pois as menores garantias.

Nesse dia o Vasconcelos disse a um amigo:

— Acabo de salvar-me de uma grande «rascada». Reformei a letra de duzentos e tal contos em nome da firma Vasconcelos & Costa, livrando-me assim um de



A letra com que Correia Leite foi intrujado, vindo-se nitidamente a suposta assinatura de Vasconcelos & Costa, firma em liquidação judicial

possível arresto dos meus bens pessoais. E — acrescentou em ar de graça — a assinatura de Vasconcelos & Costa nem sequer é verdadeira, porque foi o marquês quem assinou por mim.

Honrados homens de negócios, que levais uma vida de sacrifício, de pesadelo, para atravessardes honestamente dificuldades financeiras e crises económicas, que dizeis das habilidades destes Vasconcelos que lembram vagamente um outro Vasconcelos que há perto de trezentos anos pagou com a vida a sua ignominia e a sua traição ao país que gente estranha subjugava então?

Não vos parece que é necessário criar em Portugal um ambiente em que não sejam possíveis Vasconcelos desta natureza, que andam, por meio de *escroqueries* infames, malbaratando os escassos capitais que poderiam ser aplicados a iniciativas uteis, vitais, para a nação de pauperada?

Quantos casos destes acumulados não terão sido a verdadeira origem de certas *debacles* financeiras, que um pouco de prudência e um melhor conhecimento dos homens do nosso tempo poderiam evitar!

REPORTER MARIO

NA conflagração europeia de 1914-1918, nesse curto período de quatro anos que abalaram o mundo inteiro sacudindo-o em convulsão tremenda e destruidora, a rede de espionagem dos alemães foi uma das mais formidáveis de organização, lutando, por vezes com vantagem, com o poderosíssimo *Intelligence Service*.

Os seus agentes, esbanjando ouro às mãos cheias, espalharam-se por todo o orbe, apalpando simpatias, aliciando adeptos, auscultando sentimentos, comprando segredos dos Estados, descobrindo meios de defesa, pontos vulneráveis dos países beligerantes — entregues, enfim, a um laborioso serviço de subtilidades e de inteligência, como invisíveis partículas desse mesmo cérebro que, no gabinete de chefe suprêmeo, comandava as manobras da formidável avalanche de solda-

Grandes reportagens na Provincia Uma manobra de espionagem alemã em Aveiro



dum português, por conta da Alemanha. Devem existir mais, muitos mais, apesar da declaração espontânea dos próprios alemães, segundo a qual o nosso país teria sido aquele em que houve uma maior dificuldade em aliciar espíões.

No dia em que certos capitalistas da nossa terra — hoje muito poderosos por

em sobressalto constante e perigo iminente a navegação comercial. Povoações costeiras houve até que foram torpedeadas, ante a raiva mal contida das indefesas populações.

Os barcos de longo curso eram, assim, forçados a navegarem muito próximo da costa. O desembarque de passageiros e tripulação tornar-se-ia dessa forma mais rápido e mais fácil, na previsão de qualquer ataque brusco...

O *Desertas*, grande navio de carga aprisionado pelo governo português à Alemanha, encalhou perto de Aveiro — a linda cidade da beira-mar, rasgada pitorescamente por elegantes canais da ria a dar-lhe uma beleza de romance veneziano, com as suas «bateiras» típicas e as suas formosas mulheres de suave encanto nos amorosos olhos de sonho...

A notícia do encalhe constou breve, tornando-se o assunto geral de todas as conversas.

—O barco pode safar-se!... — afiançavam convictos os marítimos, velhos «lô-bos-de-mar» experimentados em lutas duras contra rijas tempestades. — Os *boches* é que têm a culpa porque obrigam os navios a encostarem-se, demasiadamente, à terra... Mas com uma reviravolta de ventos, o barco salva-se...

Por esse tempo, em casa do dr. Jorge de Sousa, na Rua Escura, transformada em centro de reunião de pessoas suspeitas, parava também um indivíduo, chamado Vermelheira, notável na terra, não só por ser proprietário duma loja de fazendas na Avenida Bernardo Martins, mas sobretudo pelo ardor patrioteiro que manifestava em todas as ocasiões propícias e que lhe emprestava uma verborreia fácil e inflamada, em hostilidade permanente contra os alemães.

No dia do encalhe do *Desertas*, quando a reunião da casa da Rua Escura se achava mais interessada na discussão sobre a possibilidade do barco se salvar, o entusiasmado Vermelheira lembrou-se de repente duma encomenda de tecidos que tinha de pedir para Barcelona. E batendo com a mão na testa, lamentando-se da sua falta de memória, o ardente patriota despediu-se apressadamente, correndo à estação do telégrafo, na Praça José Estevam, a emitir um telegrama para o seu fornecedor de Barcelona.

Esse telegrama era essencialmente comercial — a empregada da estação notou-o bem. Dizia assim:

Estranho demora remessa peças de seda pedida minha carta anterior. Mande urgente para não perder negócio vossa causa. — Vermelheira.

E com o rosto aberto num sorriso amavel, disse à funcionária:

—Vamos a vêr se esses brutos me mandam a fazenda... Aquilo estão com medo de extravio, porque os meios de transporte não oferecem segurança nenhuma, nestes tempos... Esta maldita guerra só nos tem prejudicado a todos...

Na tarde do dia seguinte era expedido para o Porto, com as notas de «absolutamente confidencial» e de «urgente», um outro telegrama em inglês com a seguinte redacção:

Necessito vossa presença aqui. Espião V. avisou Barcelona. Receio ataque «Desertas». — A. 32.

O BOMBARDEAMENTO DO «DESERTAS» E A INTERVENÇÃO DA QUINTA ARMA

Decorridas algumas horas sobre o envio deste último telegrama, um automovel, de cor esquecida sob uma espessa camada de poeira, atravessava como um relâmpago as ruas de Aveiro, em vertiginosa carreira que assustara os pacatos transeuntes.

O misterioso carro, um *Hudson* grande, de sete lugares, que levava dois passageiros além do *chauffeur*, tomou a direcção da Barra, estacionando no sítio conhecido por «Meia Laranja» — assim denominado por ser um pedaço de terra a entrar pelo mar dentro, em forma de semi-círculo.

Os dois passageiros apearam-se, apressados, trocando um olhar de inteligência ao cruzarem-se com o Vermelheira, que, com um sorriso irónico a frizar-lhe os lábios, caminhava tranquilamente para terra.

—Chegámos tarde! — exclamou surdamente um dos passageiros do «auto», lançando um olhar tórvo para o Vermelheira.

—Paciência! — retorquiu o outro — Alguma vez o havemos de apanhar em flagrante... Receio bastante que ele viesse aqui avisar qualquer submarino sobre o local onde encalhou o *Desertas*... Não temos tempo a perder... Vamos avisar o Centro de Aviação...

E subindo para o carro foi ordenado ao *chauffeur*:

—Depressa! Segue para a Base de S. Jacinto!

Daí por momentos três enormes estampidos punham em alvorôço a cidade inteira, sobressaltando os seus habitantes.

Dos lados da Costa Nova, da Barra, da Costa de S. Jacinto, acorria gente espavorida, gritando desvairada que haviam chegado os *boches*.

—A cidade vai ser torpedeada pelos submarinos... — clamava-se aflitivamente. Foi um momento de terror e de alucinação!

Entretanto, do Centro de Aviação de S. Jacinto, ocupado então por aviadores franceses (em Portugal não existia ainda essa arma) saiu imediatamente uma esquadilha de hidro-aviões que se propôs

Participado o caso ao oficial de dia, foi por este imediatamente ordenada uma batida ao local donde partiam os esquisitos sinais, que, porém, não deu resultado. O suspeito sinaleiro, pressentindo a chegada de gente, pusera-se a bom recato, abandonando ali a lanterna de que se servira.

Na manhã seguinte, o *Primeiro de Janeiro* inseria a seguinte local:

«No Hospital da Misericórdia deu entrada esta madrugada, em estado grave, o súbdito inglês sr. John Gordon, que, ao passar de automovel na estrada nacional, perto de Ilhavo, foi alvejado a tiro por um assaltante desconhecido, que as sombras da noite protegeram na fuga.

O sr. John Gordon regressava de Aveiro onde tinha ido desempenhar-se duma importante missão oficial, que talvez tenha uma estreita relação com o encalhe do *Desertas*, ocorrido, como se sabe, perto daquela cidade.

Por o seu estado de saúde o não permitir, o ferido não pôde fazer quaisquer declarações que



O «Desertas» fóra bombardeado

dos, arremeçando-os para a científica luta de povos que é a guerra moderna.

Todas as nações tiveram os seus filhos indignos, cidadãos abjectos, vendilhões da pátria aos inimigos, trocando por ouro, por muito ouro que lhes satisfizesse os mais infimos caprichos, formosos sentimentos de beleza, a sorte da terra que os viu nascer, que os albergou confiantemente, que lhes deu carácter, educação, envolvendo-os numa amistosa atmosfera de simpatia e de carinho.

Portugal teve também filhos traidores ao serviço do inimigo de então: — a Alemanha.

Reinaldo Ferreira, com a sua pena-látego, denunciou-nos o famoso «caso das libras de porcelana». Idílio Ferreira, num sugestivo artigo, acusou-nos a existência duma espia portuguesa.

Agora, a minha recente viagem à provincia proporcionou-me o ensejo de conhecer mais um caso de espionagem ocorrido em Portugal, com implicação

via do seu dinheiro, mas ontem, ainda, uns pobretões de fundilhos nas calças coçadas — quisessem e podessem explicar dignamente a origem das suas fortunas rapidamente alcançadas, assistiríamos a um espectáculo grandioso de escandalosas revelações.

O tempo, porém, tem uma missão que nunca falha...

AS MANOBRAS DE UM EXALTADO «PATRIOTA»

Atravessava-se então o período mais intenso da tremenda guerra que assolava devastadoramente os povos do velho continente europeu.

A nossa costa marítima, desprovida de actualizados meios de defesa, era assiduamente visitada por submersíveis alemães, os quais, com uma audácia temerária, cruzavam as nossas águas, pondo



O «Desertas» sofrera um rombo

dar caça a dois ousados submersíveis inimigos.

O respectivo comandante da Base, Maurice La Ruie, fóra rapidamente pôsto ao facto do que se passava, pelos dois passageiros do «Hudson», os quais se apresentaram como pertencendo à sub-agência de contra-espionagem inglesa, instalada no Porto.

Os dois submarinos alemães, notando a manobra dos aviões e não podendo responder vantajosamente ao contra-ataque, submergiram com ligeireza, não sem que do ar lhes fôssem lançadas algumas bombas.

O *Desertas* sofrera apenas um pequeno rombo à pôpa, não tendo sido totalmente destruído graças a oportuna e enérgica intervenção dos aviões.

Já a noite havia caído, envolvendo nas suas trévas pardas a pacata e laboriosa cidade, quando a sentinela de serviço na Base de Aviação apreendeu, surpreendida, uns sinais estranhos, semafóricos, expedidos da «Meia Laranja» para o mar.

orientem um pouco a acção da policia e a auxilie na descoberta da identidade do criminoso.»

John Gordon, de quem volvidos três dias o mesmo jornal noticiava o falecimento, era um dos agentes da contra-espionagem inglesa, com os quais o Vermelheira se havia cruzado no sítio da «Meia Laranja», em Aveiro.

A SORTE DOS PATIFES

Depois de assinado o armistício, o antigo proprietário da loja de fazendas da Avenida Bernardo Martins, em Aveiro, o *patriota* Vermelheira, abandonou o negócio comprando uma importante quinta na terra da sua naturalidade, onde vive satisfeito e feliz, gozando uma boa reputação de homem endinheirado. A sua existência decorre embrulhada em adoração amenidade, rodeando-se dum consolador bem-estar e amável conforto.

A sua fortuna — diz o povo — ascende a algumas centenas de contos de réis...

AMÉRICO FARIA

REINALDO FERREIRA

VAI ESTREAR-SE DENTRO DE POUCOS DIAS
COMO DRAMATURGO NO «TEATRO GIMNASIO»

A sua peça «A Dama do Sud», não sendo policial, vive da técnica empolgante dos dramas deste género, contendo mistério, crime, surpresa emocionante, cosmopolitismo e inquietação de espírito, sem contudo resvalar nas antiquadas scenas de Sherlock Holmes barato. É uma peça moderna.

POUCOS jornalistas se podem gabar de ter logrado a popularidade de Reinaldo Ferreira. Aquêlê rapazinho de pupila azul, franzino, o cigarro pendente do lábio, com o seu ar de alheado a tudo o que o cerca — como se vivesse imerso na contemplação de um grande sonho íntimo — possui afinal uma força irresistível que faz vergar os piores adversários e conquista a alma das multidões: a simpatia. Através do seu incontestável talento, da sua imaginação tão irrequieta, da sua grande sede de aventura que, em explosão de sinceridade, se imprime na sua obra de jornalista e escritor, o público, o grande público que procura nos seus livros e nas suas reportagens sensacionais um convívio ameno e cativante, sente sobretudo o domínio da grande força de simpatia que de Reinaldo emana.

E êle quasi ignora a força de que dispõe. Mal se apercebe de que o café, no «eléctrico», na *Sud-express*, quando atravessa a Europa em perseguição de uma quimera, que é sempre uma grande reportagem, em um grande hotel onde se instala modestamente, em uma grande capital, onde tenta irmanar-se, anonimizar-se entre a multidão, há sempre olhos que o espieitam com simpatia, lábios que lhe sorriem, dedos que o apontam curiosamente. «E' o Reinaldo Ferreira... o Reporter X...» — murmura-se.

E o seu nome e o seu pseudónimo tão célebre como o seu nome evocam sempre um farrapo de drama, um entreccho novelesco, um mistério insondável, um grito de revolta, um pedaço de vida intensa com que êle compõe as suas reportagens fascinantes.

Sim, êsse rapazinho delgado, de pupila azul e sonhadora, que tenta passar despercebido entre a multidão ignara, possui a fascinação daquelas caixinhas orientais de onde fakirs extraem maravilhosamente mundos deslumbrantes de sonho e de beleza. O público leitor já sabe que novela curta, romance, artigo ou *film* cinematográfico que venham de suas mãos flexíveis de prodigioso menino contém *algo*, encerram um in-

teresse fascinante, delicioso, irresistível, capaz de fazer vibrar os nervos mais calmos nas trepidações mais fortes.

Por isso, nós calculamos o alvoroço com que será recebida esta grande novidade:

Reinaldo Ferreira vai estrear-se em Lisboa como autor teatral!



Esta novidade é, sem menor sombra de réclamo, porque Reinaldo dêle não precisa, garantia de que o público assistirá a bom teatro. Porque o Director do *Reporter X* tenha a pretensão de se apresentar como inovador ou reformador da dramaturgia nacional? Ele é bastante modesto para não se arrogar tais pretensões. Vai o público ter ocasião de apreciar, saborear bom teatro pela mesma razão porque tem apreciado bom jornalismo, porque êsse teatro terá a marca inelével do seu espírito irrequieto.

A sua peça, que se estreará por estes dias no Teatro Gimnásio, de gloriosas tradições, interpretada por uma companhia homogênea e estudiosa, superiormente dirigida, orientada e inspirada por D. Palmira Bastos, um nome que é um cartaz definitivo, não é uma peça de paninhos

quentes e *trucs* requeentados. Reinaldo Ferreira é, por leitio especial do seu espírito, absolutamente avesso a essas velharias. Essa peça, intitulada *A Dama do «Sud»*, possui tudo o imprevisito, toda a intensidade dramática, todo o mistério e todo o drama que o grande público se habituou a procurar ávidamente nos seus escritos incomparáveis. *A Dama do «Sud»*, titulo que faz pressentir o cosmopolitismo de que andam sempre impregnadas as produções novelescas de Reinaldo Ferreira, é uma peça da nossa época, que transportará o lisboeta à realidade do seu século. Não sendo uma peça policial propriamente dita, vive da técnica dos dramas deste género: contém crime e mistério, surpresa emocionante e, contudo, não resvala nas baloas e velhas scenas de Sherlock Holmes barato. Insuflada de humanidade, aquela humanidade que palpita sempre nas figuras traçadas pela mão de Reinaldo, por mais fantásticas que elas sejam, fazendo-as baixar das alturas inverosímis da imaginação até ao mesmo nível onde nós, de carne e osso, sentimos pulsar os nossos corações, *A Dama do «Sud»* é peça para empolgar meia Lisboa, para entusiasmar plateias e artistas como Palmira Bastos, Henrique de Albuquerque, Seixas Pereira, Constança Navarro, toda a companhia do Gimnásio, enfim, que a está ensaiando com um amor, um carinho inexcelsíveis.

Reinaldo Ferreira, que criou no jornalismo português um lugar tão relevante, tão característico, tão seu, tão impar, vai abrir agora no Teatro uma clareira luminosa onde uma maneira sua, uma maneira *Reporter X*, se imporrá avassaladoramente à grande simpatia do público.

Os que já não podem passar uma semana sem a leitura empolgante de *Reporter X* vão começar agora a não poder passar um dia sem o teatro emocionante de *Reporter X* — que será, no palco, a grande reportagem vivida por personagens de carne e osso, interpretadas por artistas entusiastas e conscienciosos.

MARIO DOMINGUES

O CADAVER... VIVO DO "AUTO" 99.297

Como nos romances de Sherlock Holmes—O achado macabro—O detective Wilson—O que diz a imprensa londrina—Um sapato de mulher—As quatro amantes e os quatro filhos—O morto-vivo conta uma história

OBSECADO pelo cumprimento do meu programa de reportagens em Londres e pela radiografia dos bastidores do caso Waterlow—já pendendo um dos mistérios mais labirínticos que têm intrigado o público inglês e de que a vida deste povo, tão rítmico, enérgico e prático está continuamente enxadrizada. Esta frequência das charadas policiais, sangrentas ou não, explica a super-abundância de uma literatura especializada no gênero, com que Conan Doyle, Edgar Wallace, Pimperton, G. S. G. e o próprio Wells amesalharam as suas fortunas de milionários e pela qual o público inglês delira. Mas desta vez a imaginação do criminoso sobrepe-se à dos novelistas mais famosos.

UM TORRESMO HUMANO

[Este mistério traz todos os ingleses voluptuosamente enervados, num verdadeiro festim espiritual, algo mórbido. É o motivo de todas as conversas e o pretexto para apostas quantiosas. Conta-se em poucas linhas. Numa das últimas noites do mês de Novembro, uma patrulha policial que se deslocara de uma localidade para outra, ao princípio da estrada que liga Londres a Oxford foi alarmada por um clarão que manchava a tarlantea cinzenta do nevoeiro como uma pinelada de sangue. Alargaram o passo e ao dobrar um angulo deram com uma verdadeira fogueira a meio da estrada, cujas labaredas embocavam em fôgo um automóvel... Em redor não havia nada. Um *hauffeur*, nem vestígio. Teria ido talvez pedir socorro ao povoado mais próximo. Um dos *police-men* correu ao primeiro telefone; vieram os bombeiros de Westford e quando as chamas foram ceifadas ficou apenas um montão de destroços onde dificilmente concluíram tratar-se dum *Ford* que tinha como matrícula o número 99297 (o de Maria Alves era 9297—um nove a menos e também dava nove—'noves fôra nada...') iam-se a retirar, bombeiros e policiais—quando um deles notou, entre a amálgama de ferros incandescentes e cinzas dos estôfos, um vulto negro que muito se assemelhava a um cadáver carbonizado. Um exame mais longo rati ficou essa impressão. Havia um morto—alguém que se deixara reduzir a torresmo, refastelado na banqueta e sem esboçar fôga... O caso era mais grave do que parecia à primeira vista... Reclamaram-se os detectives—*Sherlocks* de carne e osso—de Scotland Yar. E ao inspector Tomás Wilson que cabe o serviço—e Tomás Wilson pertence à família de detetives—foi atribuído Robert Kennedy. Num rápido inquérito apurou-se que Robert Kennedy cultivava a auto-fama de um esplêndido chefe de família, pacato e trabalhador, casado e com filhos, empregando-se como caixeiro—viajante de uma firma bastante conhecida. Estava longe de ser rico—mas as sete libras semanais que ganhava chegavam para viver com dez fôgos; tinham chegado a tempo para comprar, a prestações e em preço razoável, aquêle *Ford* que lhe facilitava as continuas deslocações da sua missão. Quando a polícia foi ter com a esposa de Kennedy

e a encontrou num vale de lágrimas porque o marido, havia dois dias, não dava notícias suas, o que em dez anos de casados nunca sucedera—os chefes de Scotland deram o caso por liquidado. O cadáver carbonizado era o do dono do «auto», vítima do incêndio do carro... Mas o detective Wilson é que não transigiu com os seus chefes. Havia pontos que ele não compreendia. Primeiro—era o sapato de mulher... Segundo—porque não fugira Kennedy e se deixara carbonizar dentro do carro? E terceiro: Inde



O detective Wilson que não concordou que se arquivasse o processo

Kennedy sosinho e sendo o seu cadáver encontrado sentado na banqueta de trás—quem é que guiara o carro? E por isso Wilson prosseguiu, em segredo, as suas investigações.

AS QUATRO AMANTES DO ESPOSO EXEMPLAR

O primeiro que êle apurou foi que Kennedy não era tão pacato e tão exemplar chefe de família como a esposa e os amigos, os vizinhos e os patrões julgavam. No próprio dia do sinistro uma empregadista dera à luz num hospital uma criança que êle imediatamente reconheceu como seu filho. De investigação em investigação Wilson reuniu quatro amantes do mesmo Kennedy, simultâneas, todas com filhos reconhecidos pelo pai (o que lei inglesa concede e exige, até mesmo quando se trata de homens casados) e recebendo todas elas uma subvenção semanal). Totalizadas essas pensões—o ordenado de Kennedy ficava quasi reduzido a coisa alguma.

Sorriu-se Wilson, multiplicou em dezenas de exemplares um retrato da vítima e espalhou-o por toda a Inglaterra. Poucos dias depois o sargento comandante do posto policial de uma vila próxima de Glasgow expediu-lhe o seguinte telegrama que reproduzo do *Daily Mirror*: «Tremendo um sujeito que se dirigia num *char-a-bancs* para Glasgow e cuja semelhança com o retrato que vi era flagrante. Declarou sem hesitações que era Kennedy

e mostra-se contente por se encontrar em contacto com a polícia e poder explicar tudo. Diz que não veio ao nosso encontro porque tem andado absolutamente desorientado.—*B. Street-sargento.*» Conduzido a Londres e interrogado por Wilson, Kennedy, reconstituíu a tragédia.

A RECONSTITUIÇÃO DA TRAGÉDIA

—Dirija-me para Oxford, em serviço da casa, quando, a meio do caminho, um sujeito que estava encostado a uma arvore começou a gesticular, obrigando-me a parar o carro. Uma vez parado dirigiu-se-me suplicando que o levasse até Oxford. Recebera a notícia de que um ente querido adoeceu gravemente, não encontrara uma medicina para aliviar uma necessidade urgente. Sibilo tremeu até aos meus olhos o reflexo dum clarão. Tive um presentimento. Corri para a estrada e quando cheguei ao local já o «auto» estava corado de chamas, e o meu imprevisto companheiro de viagem jazia caído sobre a banqueta como se fosse uma tocha humana. Não sei explicar o que se passou no meu animo. Sentiu-me chocoteado por um terrôr louco, sem saber porquê... Fugi, correndo, como um ladrão... E desde essa noite que tenho andado de terra em terra, de hospedaria em hospedaria, sem objectivo, nem plano, nem consciência... Cada dia que passava mais angustiada se me afigurava a minha situação; maior era a minha covardia em apresentar-me, em contar a verdade... E contendo não sou culpado—nunca vira aquêlê homem, não lhe podia ter ódio que explicasse um atentado.» Isto é o que declarou Kennedy. E o sapato de mulher? E a imobilidade da vítima, deixando o fôgo o carbonizasse sem fugir, quando o primeiro gesto de todos os que se sentem contangiosos pelo fôgo é fugir muitas vezes suicidando-se precisamente por isso? E quem é o morto, por cuja falta ninguém deu até hoje? Fala verdade Kennedy? Mistério que intriga toda a Inglaterra.

Um reporter, que também é X, («John Xhinz» é o seu pseudónimo) do *Evening News* alivita uma hipótese que é, ao que parece, moldada na suspeita que o detective Wilson lhe segredou: Kennedy ganhava só sete libras por semana e era um fêmeiro impendente. Para cumulo, de cada aventura floria um filho, seguido de outros. Para evitar escândalos, a perda da sua fama de pacato e da paz do lar—era obrigado a pensionar as mães dos filhos—quatro, pelo menos. As sua vida financeira devia ser um tormento para que a esposa não desse pelo desquilíbrio orçamental. Naquela noite é muito provável que as coisas se passassem como êle as descreve... Mas o seu espírito, por uma mecânica especial, sofreu o ataque de uma tentação... Se êle, Kennedy, morresse, ficaria livre de todas as despesas—até as da família—e todo o dinheiro que ganhase seria para seus gastos... Mas morrendo—não poderia gozar a vida—sobre-tudo o amor, que era de todos os prazeres o seu predilecto... Mas podia morrer alguém... por si!

(Conclui na pag. 15)

O caso misterioso da Avenida Mozart

(Continuação da pag. 5)

rienses. A multidão de 50 a 100 mil estrangeiros que desambarrava diariamente em Paris com os seus orçamentos, a verba para esses 15 a 30 dias de regabobe na mais bela capital do mundo... E agora, que o Destino fez a vontade aos parisienses, libertando-os desse formigueiro de turistas que enchia a cidade, e a animava, e a ajudava a ser a Paris-Paris, é que eles compreendem a falta que os estrangeiros lhes fazem. Por muito bom modo, que fosse a sua presença — a verdade é que essa gente, antes de embarcar, metia na carteira um bom par de notas — notas essas que ficavam em Paris... Teatros, *restaurants*, hotéis, todo o comércio de Paris, deviam aos estrangeiros a maior parte da sua prosperidade...

«E eis porque o rôsto de Paris se me apresentou preocupado e tristonho. Paris torce a orelha e a orelha não delia... estrangeiros. E' bem feito!

—E se fôsemos ao «Folies Bergères?» — lembra Adelino Mendes, meu companheiro de viagem... «Folies Bergères, Casino, Palace, Mayol, os templos das grandes *feeries* parisienses que são envoltórios de arte dum espectáculo talvez frívola mas cheia de sedução, foram um dos *crisais* de Paris — como a Torre Eiffel e como os *boulevards*. Ir a Paris e não vêr uma das revistas dos seus cartazes — é como ir a Roma e não vêr... Mussolini. Conta-se que quando Mr. Bernard-Hautville, embaixador de França, foi recebido pelo falecido soberano do Sião, que estudava em Paris, a primeira pergunta que aquêle monarca lhe fez foi a seguinte:

—Diga-me uma coisa, sr. embaixador. Que tal é a revista que vai agora no Casino? E' melhor do que o «Paris-Etoile»? A Mistinguette ainda lá está? E' o impagável Toldirni?

O espírito francês não está em decadência — não necessita dum estímulo. França precisava de fechar as suas portas por algum tempo. Os franceses precisavam de uma cura de repouso. Paris e habitantes — estão esgotados... Até a própria revista, o trapecio onde os franceses mais facilmente exibiam a acobrdia da sua graça e do seu fino encanto, está anémica de espírito, com uma beleza cheia de olheiras, e faz um demasiado usoado. A *feerie* das «Folies Bergères» é aguada, pinga suor por todos os póros — não interessa... Ou por outra: chega às vezes a interessar, e lá digo por quê. E' que, por falta de ideias, os autores lembraram-se de apresentar uma série de quadros antigos, cada um deles resuscitado de uma revista do passado. E assim, vendo reconstituídos no palco em 1930 um quadro da revista de 1880, o outro de 1890, e outro ainda de 1900, de 1908, de 1918, com os seus traços, o «modernismo» e as ossidões daquelas épocas, as suas graças, as suas fantasias, as suas novidades — não só gozamos o espectáculo dum destile de saúdaes, um folhear curioso do livro do passado, recordando episódios, escândalos, aventuras das várias Paris que 1880, e outros, como podemos medir, pela eloquência do contraste, a enorme fadiga que desvia o espírito e a imaginação da França de hoje da França de antes da guerra...

Mas essa fadiga não se evidencia apenas no tablado... Lá fora no *promenoir*, no *hall* — no *quellé hall* das «Folies Bergères» que deu tantos pretextos ao lápis galante de Aubert e de Guillaume e ao engenho caricatural de Sem — a semsaboria é a mesma... As gentes *entrainees* de outrora, as bonecas graciosas, as *Butterfly* que esvoaçavam em redor dos espectadores, envelhecaram, enportaram, perderam os encantos físicos e o gosto da toada...

Uma novidade... Desapareceram as *placeuses*. Substituíam-nas uns moços muito bem penteados, escanhoados até as pernas, enlavados de branco, fardados com um smoking crê de vinho e umas calças azuis listradas de vermelho.

—São os estudantes pobres... — explica-me um amigo. — Todos os teatros de Paris, de acôrdo com a

Associação Académica, resolveram dar o lugar de *placeuses* aos estudantes — sem meios para terminarem a carreira. E' um emprego rendoso... Há noites em que amealham cinquenta e oitenta francos — e mais ainda. E como vê, esses rapazes não herdaram das gerações anteriores o orgulho romantico que os caracterizavam. Futuros médicos, advogados, engenheiros, pintores, artistas de todas as artes, sábios de todas as sciências — aceitam esta farda e este emprego de nível subalterno de social, em troca dos proventos necessários para a sua manutenção e estudos — sem se vexarem. Podiam, por disfarce e amor próprio, fingirem que tomavam o novo papel de chacota, de boémia, carnavalescamente. Isso sim. Procuram, com toda a seriedade e com um servilismo correcto, dum cortejo de inferior para superior, os caminhos mais curtos para as mãos gorjetas dos espectadores que eles conduzem ao seu lugar, a quem oferecem o programa e o binóculo de aluguer e a quem estendem a mão enlavadum com o classico: «Il n'a rien pour le plaisir?». Sob o ponto de vista social e generoso, a metamorfose pode ser magnifica mas fazem-me saudades as antigas *placeuses*, tão leves, tão abonecadas, tão risonhas gentis — que nemhum moço, por muito barbaado e enlavadu e loiro que se apresente, poderá igualá-las...

O ASSASSINO DO JOALHEIRO E EU...

P. S. — Londres, 30. — No momento em que aranco do *black-notes* estas folhas atiradas — cai-me sob os olhos um jornal francês dizendo: «Paris — O brigadeiro Leroy e os inspectores Clere e Pegrunnet, da secção de crime da Polícia Secreta, prenderam no cabret nocturno de Montmartre, *Clare*, o assassino que o Sr. George Gauchet, de 25 anos, assassino e ladrão do desditoso joalheiro da Avenue Mozart, cuja trágica morte relatámos. Apesar de todas as dificuldades a policia francesa conseguiu evitar que este monstruoso crime ficasse impune. George Gauchet é um jovem simpático, insinuante, filho de uma boa familia burguesa de Neully, teve uma boa educação, é dotado de grande robustez e dedica-se apaixonadamente ao sport. Pela morte de seu pai, há dois anos, exgiu à mãe a legitima paterna, que era de 250.000 francos. Imediatamente abandonou o lar dividindo o tempo pelos *sports* e pelas orgias, arruinando-se rapidamente no jogo de Bolsa. Vivia com uma amante — Clementina Philippe, dançarina dum cabaret — num hotel da Rue Blanche. Até hoje não consta que tivesse cometido nenhun outro crime. No dia 19 ao cair da noite entrou na joalheria da Avenue Mozart e sabendo que o dono da casa estava só assaltou-o, alucinadamente, com uma chave inglesa. Após alguns

minutos de luta e convencendo-se de que o matara pillowo o que pôde, tomou um «taxi» e foi ao hotel lavar-se, mudar de roupa e ligar as feridas. Esporou uns dias... Como viu pelos jornais que a policia não encontrava a pista do assassino, julgou-se salvo e começou a tentar vender as joias, tão inglobilmente adquiridas, aos seus conhecidos, ás mundanas de Montmartre e aos creados dos cafés...

«O que o perdeu, apesar da prudência e das cautelas com que se cercou, foi um detalhe insignificante: um jornal da noite, esquecido ao pé do cadáver — e aberto na secção das «courses». A policia, guiada por este achado, limitou as suas pesquisas aos sitios frequentados pelos amadores do jogo de cavalos — e assim pôde notar a existência de um moço que pretendia vender algumas joias, as quais, dizia, pertenciam a sua velha mãe...

«O criminoso confessou o crime. A familia, que é honestissima, encontra-se numa horrivel consternação. A amante, cuja inocencia está provada, declarou aos jornalistas que o jovem assassino lhe proferiu estas palavras: «*Je fais des crimes*, porque, dizia elle, lhe inspirava horror essa imprensa que pervertia as almas e que elle jamais comprava... igualmente se negou a deixá-la ir aos cinemas porque, explicava elle — os *films* são uma má escola de que elle — o que é verdade — se afastara sempre... (Correspondente)». «Então os jornalistas... senhores sociologos... me diziam: «Este caso? Um caso de educação? Uma burguesia — a classe moral e honrada por excelência: mimado, forte, sadio, sem taras, sem alcool, *sport* man, fazendo uma vida higienica tanto quanto possível; não lendo esses jornais nem esses livros que os senhores moralistas consideram germen de todas as «ingominias»; detestado o cinema — em que os seus olhos se abriam para a vida e para os viciis morais; conservador, crente; e um belo dia, porque lhe falta dinheiro, para não o pedir à honrada, para não trabalhar, para não o ganhar honradamente como eu (ou tu leitor, se és desses...) entra na loja dum pobre chefe de familia, trabalhador, honesto, com mulher e filhos, e sem odios, sem crimes, sem ofensas que explicassem uma colera — a frio, premeditadamente, cruelmente, insensivelmente, estoura o cráneo a vítima com uma chave inglesa, enche os bolsos de joias, toma um «taxi», lava-se, sem se affligir com o contacto do sangue, talvez ainda quente, da vítima, apaga todos os vestígios, como um cauteloso profissional do crime, e recomeça a sua vida normal. Como explicam os senhores esta proeza, esta psicologia, esta patologia? Repito: não foram as letras nem os *films* que o perverteram (como aliás Digo Alves e todos os grandes lacinoras da antiguidade, porque outrora eram mais frequentes e mais facinorosos do que agora, não liam o *Reporter* X nem viam filmes cinematográficos...)»

«Então? ... Uma pergunta... Terá sido o Destino tão mecânico, tão ritmico que, depois de me ter feito conhecer a vítima, tivesse levado o assassino ao alcance do meu olhar? Acabo de conhecer Gauchet através dum retrato de jornal... Parece-me elle... Mas era quasi noite quando vi o jovem da Avenue Mozart. E' a abas do chapéu descobria-me o rosto... Sô os olhos fixos — e dêsse pouco resto no empastelamento de tinta da «foto» impressa... Mas se fosse de facto Gauchet — e se eu tivesse tido a coragem de me dirigir a elle — de subito, de assalto, fazendo da minha propria intima uma intimação — teria poupado duas vidas: a do assassino e a do assistente porque eu teria tido como calendario lunar a gulinholta, pela certidão? Sabe-se lá nunca a grandeza futura, e o resultado imenso dum gesto insignificante de que nos coibimos por covardia, por julgarmos, no momento, que é ridiculo!...

QUERES DINHEIRO?

Joga no
Lama
Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 por gestão

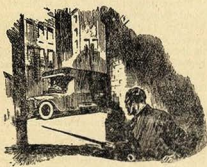
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

REPORTER X

O escândalo da Embaixada Soviética em Londres

DOIS DETECTIVES DA CÉLEBRE G. U. P. VÊM A INGLATERRA PARA RAP-
TAR O EMBAIXADOR E CAEM NUMA CILADA QUE ÉSTE LHES ARMOU

DURANTE meio século a Scotland Yard foi o modelo único que se apresentava como perfeito organismo policial, iman de todos os casos à *sensation*. A guerra trouxe dois rivais poderosos àquele viveiro de «Sherlocks» de carne e osso: a «Intelligence Service», a polícia internacional da Inglaterra, e a G. U. P., o quartel general da Polícia Soviética russa, cujos «detectives» não conhecem fronteiras e cuja acção se assemelha muitas vezes à fantasia dos folhetinistas. Eis um epi-



O grande automóvel misterioso esperava

sódio, recente de dias, que pode servir de «spicemen», pela sua ousadia e pelo imprevisto do seu remate emocionante.

AS ORDENS DO KREMLIN

Tendo o embaixador da Rússia em Londres desobedeceu a uma ordem do Kremlin, o governo ordenou-lhe que regressasse imediatamente a Moscou para ser julgado e castigado. Mas eis que o diplomata bolchevique — o antigo camarada Kedel — entra em franca rebelião declarando que não sairia de Londres onde continuava a considerar-se representante único do seu país. Querendo evitar mais um escândalo, o governo entregou o caso à G. U. P.; e esta resolveu empregar um dos seus golpes de audácia, no estilo do rapto do general tzarista, em pleno Paris. Contudo, o antigo camarada Kedel tinha feis amigos *sur-place* que o avisaram do perigo que o ameaçava.

Rodaram seis semanas. A imprensa falou vagamente de um incidente interno, na Embaixada russa em Londres; e precisamente no dia 17 último apresentou-se em Scotland Yard um estrangeiro, solicitando uma audiência com o director.

— Sou enviado especial do governo russo — declarou o visitante exibindo os seus documentos — e como tal peço o auxilio da policia inglesa contra o nosso ex-embaixador (foi demittido ha um mês) a fim de libertar dois cidadãos russos que aquêle diplomata sequestrou em sua casa.

OS DOIS «AZES» DA ESPIONAGEM

Sensação! Podia lá ser! E o enviado especial contou o episodio a seu modo. Mas a verdade é muito diferente. Ei-la. A G. U. P. não acalentava fússões sobre a negativa do ex-camarada Kedel, e ao lhe apressarem os detectives de Moscou a pedirem-lhe para os acompanhar. O diplomata sentia-se duplamente defendido por se encontrar

no estrangeiro e por saber que o Kremlin não queria escândalos. E não sendo possível trazê-lo a bem — seria a mal. No dia 20 de Novembro desembarcavam em Londres dois «azes» da espionagem russa, Petrower e Yugaroff, instalando-se, sob nomes falsos, num hotel proximo da Embaixada e alugando uma «garage» num recanto solitario de Penfield — a dois passos de Whitechapel. Durante cinco dias limitaram-se a rondar a vida do diplomata e a estudá-la. No dia 26 despachavam um admiravel automovel da marca russa «Akia» — imenso e extravagante de *carrosserie*, que vinha como procedente de Anvers (*truc* para não chamar a atenção sobre Moscou, que era a sua verdadeira embora indirecta procedencia) e que ficou armazenado na «garage» citada. E só então começaram a agir. E' que aquêle enorme carro era indispensavel aos seus planos. Eles já o tinham experimentado em Paris, quando do rapto do general — e com que êxito...

O AUTOMOVEL MÁGICO

A partir de 27 o embaixador começou a receber, varias vezes ao dia, cartas assinadas por um dos seus mais dedicados amigos. Através dêsse epistolário, Petrower e Yugaroff pretendiam, primeiro, convencê-lo de que esse tal amigo se encontrava em Londres, propositadamente para o defender; e que se não se apresentara ainda fórta porque a prudencia assim o exigia; segundo — cultivar no ânimo do diplomata a intoxicação do terror, injectada pelas continuas denúncias que o «defensor» lhe fazia sobre as manobras de uma legião de *esbirros* que a G. U. P. enviara a Londres para o *assassinar*; e terceiro — criar no espirito do ex-camarada Kedel uma confiança cega na protecção e conselhos do signatário. E quando julgaram a fruta madura — fixaram o dia para o rapto. Havia tempos que ancorara em Liverpool um pacato barco norueguês, em cujo porão se tinha preparado já a cama para o diplomata repousar, bem fechado à chave, até Leninegrado. O «auto», de fabrico unico, especial e secretamente encomendado pela G. U. P., conduziria o diplomata, numa espécie de «caixão para vivos», existente sob a banqueta interior, de facil e rapido funcionamento de tampa, de Londres a Liverpool.

A CILADA E A CONTRA-CILADA

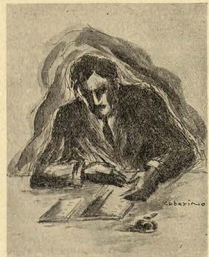
Na manhã de 8 de Dezembro o embaixador recebeu o seguinte aviso do seu dedicado e fiel amigo: «Meu cara Kedel: E' para hoje o golpe — e segundo conseguirei apurar será executado de forma a tornar ridicula qualquer defesa. Eles estão dispostos a liquidarem-te. Há só um caminho a seguir e nesse sentido organizez tudo. As 4 horas à noite em Londres. Tu nunca saís a essa hora nem *êles* o podem prever. A «esquina de Brimay Street estará um automovel, grande e cinzento. Da Embaixada até lá não podem êles intentar coisa alguma porque só atravessam locais movimentados. Além disso êles nem sonham que estejas prevenido dos seus planos cuja execução está marcada para o principio da madrugada. Tenho já lugar seguro onde te refugies até melhores tempos. E' possível que descubram quem te salvou e que perca a vida nesta aventura. Não me importo. Um amigo como tu pode exigir todos os sacrificios. Até breve. Teu velho camarada — Boris.»

Petrower e Yugaroff não duvidavam do êxito da armadilha. Habels e experimentados em dezenas

de serviços semelhantes — tinham bem preparado o terreno. Para que o embaixador não duvidasse da autenticidade de Boris Tugarini — Petrower, aproveitando uma vaga pareçença com êste, hospedara-se simultaneamente em dois hotéis, num dos quais se registou com o nome de Boris Tugarini, falsificando a correspondencia no papel timbrado dêsse hotel para que os espias do diplomata não pudessem tempo a investigar o plano do «leal e destemido defensor do seu chefe» e pudessem certificar-se, pelo porteiro, da existencia dum hospede com aquêle nome.

Às 4 da tarde, noite cerrada em Londres, o «auto»-mágico estacionava no local marcado. Yugaroff ia ao volante, Petrower, o mais musculoso, fundia-se na sombra interior apertando na mão esquerda um frasco de clorofórmio. Passaram cinco, dez minutos — e a rua, paralela a uma grande arteria, rua-biombo, rua-bastidor, escolhida por ser solitaria — solitaria continuava a ser. Os dois *esbirros* impacientavam-se. Súbito, ouviram uns passos muito mtraqueados no asfalto. Alogueram-se numa esperança — logo desfeita. Eram dois homens — e êles esperavam um só. Mas ainda não haviam regressado à impacencia quando um facto os alarmou. Os dois homens dirigiam-se ao «auto». E' possível que Yugaroff tentasse pôr o carro em marcha, na suspelta dum fracasso grave — mas não teve tempo de o fazer. Um dos recém-chegados abria a portinhola do automovel enquanto o outro trepava para junto do «chaleur»; e ambos em côro, ordenavam:

— Nem uma palavra. Policia! As explicações



O embaixador começou a corresponder-se com um amigo antigo

são para o Comissariado! Mas se querem espectáculo — nós oferecemos o jazz-band.

E num gesto incompleto, apertaram com a mão esquerda o bolso onde a direita se afundava acariciando a pistola. Nenhum dos dois detectives russos era péco nem covarde; mas o imprevisto do assalto e a sua actual situação, sob a ameaça

(Conclui na pag. 15)

Um explorador de bailarinas

Victor Lorenz é um austriaco sem escrúpulos que tem vivido em Lisboa á custa de um grupo de «girls» que trabalhou no «Teatro Variedades» do Parque Mayer

FÔMOS há meses ao Teatro Variedades, no Parque Mayer, assistir á curiosa revista, que muito tempo se manteve no cartaz, intitulada *O Cavaquinho*. Foi uma noite bem passada. O chiste de Alvaro Pereira, a graça cativante de Beatriz Costa, a vivacidade de Ema de Oliveira, as rábulas inimitáveis de Antonio Gomes (da Trindade), fizeram-nos passar algumas horas deliciosas, aquelas horas que não têm preço porque nos levam a esquecer a realidade amarga da vida.

Surpreendeu-nos, porém, nessa revista de piada portuguesa e chalaça franca, um grupo de *girls*, elegantes, corpos esculturais, bem lavadas e ensaiadas — o que não é freqüente entre *girls* portuguesas. E aquelas não o eram realmente.

— São alemãs — disse-nos alguém a quem manifestámos a nossa estranheza.

Despertaram-nos as raparigas natural curiosidade e sobre elas fizemos então algumas perguntas banais, perguntas que — mal sabíamos nós — nos conduziram inesperadamente a uma interessante reportagem.

— Devem ganhar bem aquelas raparigas — dissemos nós, convictos, porque a sua competência profissional, em nosso entender, devia fazer-se pagar razoavelmente.

O nosso informador esboçou um sorriso irónico e, depois de hesitar uns momentos, murmurou:

— Aquilo é muito complicado...

— Complicado? — fizemos nós, intrigados.

— Sim — confirmou o outro, mais resolutivo.

— Mas porquê? A empresa não lhes paga?

— A empresa — tornou o nosso interlocutor sempre com o mesmo tom hesitante e misterioso — creio que dispende bom dinheiro para manter os quadros em que essas bailarinas figuram. Elas, porém, é que pouco ou nada vêem desse dinheiro.

— Como se compreende então — inquirimos ainda — que pagando a empresa, as artistas não recebam o seu dinheiro.

— E' uma história complicada — tornou o outro, encolhendo os ombros.

Este dialogo foi subitamente interrompido pelo retinir da campainha annunciando que o intervalo expirara e o espectáculo ia recomenciar.

Voltámos pensativos á nossa frisa, dispostos a observar melhor essas mulheres. Talvez dessa observação superficial

resultasse a dissipação do mistério que principiava a envolver aquêles belos corpos nus e flexíveis, de linhas correctas, harmoniosas, esculturais.

Apresentaram um quadro de nú artistico, nimbado de beleza. Mas dos seus corpos nós outra coisa não emanava senão a natural sedução de suas carnes mimosas e apeteceíveis, o que para nós era pouco.

A Favorita, mixto de café e de cerve-



Victor Lorenz, saindo do Parque Mayer pelo braço da filha do amante

jaría, ali á ilharga do Teatro Maria Vitória, é uma espécie de capital do Parque Mayer. Ali se reúne todas as noites a fauna mais variada, mais estranha, da sociedade lisboeta. Pacatos pares burgueses vão ali tomar o seu chá calmante após as emoções de um espectáculo de revista; pequenos actores desempregados passam naquela sala, recostados nas cadeiras de verga, com ares de *grands seigneurs*, noites inteiras depreciando os grandes artistas, que também por lá aparecem cavaqueando; coristas que nas horas de ócio se dedicam á conquista fugaz de cavalheiros respeitáveis; revisteiros, cançonetistas, tudo o que constitui o mundo do Parque

ali se detem um momento, pelo menos, a combinar um negócio, a apazarrar *rendez-vous*, a maldizer a pouca sorte, a festejar um êxito. E nós, jornalistas, por lá gastamos uma vez por outra o nosso tempo, colhendo um assunto, surpreendendo um escândalo, ou escutando um pedido de reclamo gratuito a certa cançonetista ou actriz de pano de fundo que outra qualidade não possui senão a da boa plastica.

Nessa noite, terminada a ultima sessão do *Cavaquinho*, fomos dar á *Favorita* de palestra com amigos. Abancámos. Passando o olhar em redor, surpreendemos as mesmas caras de sempre, os mesmos rapazinhos «papo-sêcos» á espera da corista que com elles reparte os seus honorários escassos; os mesmos boêmios já alegres de cerveja; os mesmos sonhadores que, pelos cantos, perante um café modesto, gizam eternos planos de grandes peças teatraes.

Foi aí, nêsse ambiente, que é um estimulante á confissão, que o nosso informador se expandiu torrencialmente:

— Aquelas *girls* — disse êle — são chefeadas por um austriaco, um tal Victor Lorenz, amante da mãe daquela bailarina principal — uma franzina, agil, encantadora. Esse homem é que fez o contrato com a empresa e é êle portanto que lhe recolhe os frutos. Sabe quanto êle dá a cada bailarina, por semana? Vinte escudos!

— E' com esses vinte escudos semanais que elas têm que sustentar-se, vestir-se, calçar-se...

— Mas isso é uma *escroquerie!* — exclamámos.

— Sim, meu amigo, é uma infâmia. É a autentica escravatura branca. Esse Victor Lorenz, de combinação com a amante, já tentou negociar a filha desta com um rapaz português e rico que a requestava. Acossadas pela fome as bailarinas resvalam na prostituição e logo que podem fôgem desse grupo de exploração e fome.

— Isso é trágico!

— E' trágico e é real. Quere conhecer esse «caftan»? Olhe...

E apontou-nos um tipo que, embuçado a um recanto da *Favorita*, tomava bebidas com um grande ar de burguês pacato.

— E' aquêle. Tôda a gente o conhece. Tôdos sabem a peça que êle é!

GUIDO RUIVO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O ESCANDALO DA EMBAIXADA SOVIETICA DE LONDRES

(Continuação da pag. 5)

do que eles supunham colegas ingleses, paralisava-os, vencia-os.

— Para Scotland Yard... — disse o que se sentara ao lado de Yugaroff.

— Vamos primeiro à Embaixada — aconselhou o outro. O sr. embaixador talvez queira acompanhá-los.

E Yugaroff obedeceu, humilde e vexado.

OS DOIS DETECTIVES INGLESES

Segundo as declarações que o embaixador só agora fez à policia inglesa e que só um jornal inglês publicou, *The People*, onde descentanham, numa sintética noticia, a materia para esta reconstituição, uma hora antes da fixada para a fuga, começara a arranjar a mala, cegamente confiado. — Perdão, camarada (nas embaixadas sovieticas os creados tratam os chefes por camaradas), a pessoa em questão chama-se Borias Tugarini! — Borias! que se passaria? Ter-se-iam precipitado os acontecimentos? Tornar-se-lhe impossivel a evasão? Que entre! Borias entrou e minutos depois o embaixador viu claro na armadilha que lhe preparavam.

Homem de acção, energico, vivo, e auxiliado por um colaborador como Borias, que ainda se encontrava passmado da audacia dos esbirros em o terem envolvido nos seus planos, o embaixador reúne os seus homens mais decididos; abre, pelo telefone, um rapido inquérito; traça um plano de contagem — e põe-se em immediata execução. Os detectives da G. U. P. queiram a sua lei? Pois seriam tosquidats até à pele...

O SEQUESTRO

O «auto» parou frente à Embaixada.

— Saíam à nossa frente e não se esqueçam de que nós trazemos os saxofones (textual, do relatório de *The People*) para o jazz...

Petrover e Yugaroff, de cabeça baixa, caminharam através o jardim; entraram no palacete do embaixador — sempre seguidos pelos seus vencedores. Atravessaram um corredor — e entraram numa sala sem janelas. Viram-se immediatamente cercados por muitos homens — entre os quais reconheceram logo o que estava para ser sua vitima e Borias Tugarini. Mas a primeira das muitas surpresas que lhes estavam reservadas foi a dos dois detectives ingleses que os tinham prendido com os braços. Atravessaram um corredor — e entraram como tambem com eles, prisioneiros... Pouco depois comprehendim a cilada em que a sua cilada tinha caído. Os dois detectives londrinos não passavam, afinal, de dois russos, homens de confiança do embaixador.

O embaixador lb-los descer às caves; separou-os; e fechou-os, bem trancados, em dois quartos afastados onde há seis semanas vivem em absoluto sequestro...

O ULTIMO ACTO

G. U. P., que recebia diariamente, por intermedio de Berlim e de Varsovia, um relatório cifrado dos seus dois agentes — surpreendeu-se do seu brusco silencio. O comandante do navio norueguês, ancorado em Liverpool, telegrafou-lhes dizendo que aquela demora começava a atrair as suspeitas

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

Por felicidade, os impróprios são mais frequentes, e dizemos por felicidade, por uma questão de pudor mental: é que sofremos mais quando nos dirigem um aplauso merecido do que ao nos defrontarmos com aquêles que pretendem deprimir em nós as qualidades que orgulhosa e intimamente em nós próprios reconhecemos.

Ultimamente, fomos mimoseados com uma saratavada de insultos na imprensa que corre de norte a sul do país. Esses insultos, variando entre o apódo de reaccionário, que não somos, e o de negro, que muito nos honramos de ser, não nos impediram de dormir regularmente as oito horas da praxe. Fôram provocados pelos comentários que fizemos à attitude assumida em Londres por certo politico português — um dos tais politicos que o elogio desbragado em uso na nossa imprensa elevou à categoria de eminente estadista e extraordinário talento.

Das várias modalidades de censuras que nos dirigiram algumas há que nos fazem meditar, porque em regra provêm de pessoas que dizem estimar-nos e nos lamentam condoídas do erro em que lavramos. Essas pessoas concordavam conosco. Entendem que preferimos verdades, amargas, mas verdades, discordando apenas da oportunidade dos nossos comentários.

Neste momento não devíamos escrever a verdade... Não foi oportuno... Não era conveniente... E' o chamado respeito pelas conveniências que, por forma habilidosa, nos querem impôr. O respeito pelas conveniências! Se sempre que houvesse uma verdade a proclamar se tivesses de respeitar as conveniências, a mentira cobriria a terra de lés a lés. Em geral as grandes verdades, os grandes actos em favor de qualquer ideal levantado, vão sempre contra as cha-

da policia marítima. Os dias formaram semanas — e G. U. P. resolveu mandar novos espias a Londres. O gerente do hotel informou que aquêles illustres hospedes tinham desaparecido deixando a bagagem e não pagando a conta. O proprietario da «garage» afirmou que os seus clientes tinham vindo buscar o carro, uma tarde, e que nunca mais os viu. Mais alguns passos — e a verdade revelou-se: Petrover e Yugaroff estavam sequestrados pelo embaixador. Foi então que apareceu em Scotland Yard o enviado especial do Governo Russo. O embaixador, convidado a declarações, sorriu-se e não hesitou em contar a verdade. O governo inglês, ao mesmo tempo que se mostrou benevolente ante o acto de violencia do diplomata, enviou os dois esbirros aos tribunais, onde fôram condenados.

Destá vez G. U. P. perdeu a partida. Mas que o embaixador em Londres, o ex-camarada Kedel, a quem o governo, para evitar mais complicações, ratificou os seus poderes, não confie muito no futuro. O Kremlin pode perdoar e esquecer. A G. U. P. — nunca esquece nem perdôa!

REINALDO FERREIRA

mas das conveniências, parecem inopurtunas e põem em cheque os interesses criados.

Se se atendesse aos interesses criados, á oportunidade e ás conveniências, a invenção dos automoveis não seria posta em prática porque punha em cheque os interesses criados pela tracção animal vulgarizada em tôdo o mundo; os transatlânticos não teriam nunca sulcado os mares porque eram inopurtunos para a navegação á vela; a medicina moderna não beneficiaria a humanidade por ter sido contrária aos dogmas da Igreja, e a Republica Portuguesa não teria sido proclamada em 1910 porque muitos chefes republicanos julgavam a revolução inoportuna.

O jornalista que preza a sua profissão não tem que curar se as verdades que proclama são ou não convenientes ou oportunas; é de deve ser indifferente e activo ante a censura que sobre elle exercem como perante os elogios exagerados que lhe dirijam. No desprezo de aplausos e censuras temos exercido há doze anos a nossa profissão e, neste momento, esta attitude torna-se mais firme do que nunca.

As conveniências e os interesses criados são quasi sempre contrários ao progresso da humanidade.

MARIO DOMINGUES

O cadáver... vivo do "auto" 99.297

(Continuação da pag. 11)

Nesse momento, com o pretexto de um desarranjo no motor, armam-se-lhe de qualquer ferro com o qual atordoaria a vitima; e ao vê-la sem sentidos, deitaria fogo ao carro, fugindo depois, seguro que tomariam aquêlle cadáver carbonizado pelo seu proprio cadáver.

Esta hipótese, a que não falta lógica, sofre apenas de um atrito; o atrito do sapato de mulher que foi encontrado junto ao torressmo humano.

Se os leitores se interessam pelas charadas, até têm uma para se entreterem. E se não decidiram não se zanguem porque outro tanto succede á immensa população de Inglaterra.

R. X.

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 66 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS
Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos
para a industria

GOSTA DE LEITURAS
EMOCIONANTES?
LEIA OU ASSINE

A
NOVELA
POLICIAL

Do "REPORTER X,"
CAPA A CÔRES
16 PAGINAS, 1\$00